

ELOÁ CAVALINI WITCEL

## A MULHER CAMPESINA EM BOA VENTURA DE SÃO ROQUE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Silvana Cássia Hoeller**

MATINHOS

2011

# A MULHER CAMPESINA EM BOA VENTURA DE SÃO ROQUE

Eloá Cavalini Witcel<sup>1</sup>

Silvana Cassia Hoeller<sup>2</sup>

## RESUMO

Essa pesquisa aborda a questão da mulher campesina de Boa Ventura de São Roque, através de estudos realizados em uma comunidade local, buscando entender a vivência, o cotidiano e as expectativas das mulheres pesquisadas frente ao mundo, a sociedade e a educação. Para compreender o contexto vivenciado por elas, buscou-se relatar as lutas das mulheres em diferentes momentos e sociedades, pois entende-se que o presente é resultado de uma construção histórica e que a partir de todas as conquistas nas leis, no campo de trabalho que se constitui o modo de pensar e a postura das pessoas no momento em que vivem e é a partir do conhecimento de toda essa trajetória que torna-se possível ampliar a visão de mundo e transformar a realidade.

**Palavras-chave:** Mulheres campesinas – Educação escolar – conhecimento e transformação.

## INTRODUÇÃO

A trajetória da mulher para conquistar seu espaço, ser reconhecida e valorizada passou por uma série de fases.

No Brasil, ainda há discriminação, no entanto, já ocorreram muitas mudanças e conquistas nesse sentido. Entretanto, ainda há mulheres que são exploradas, marginalizadas e até mesmo espancadas, torturadas física e psicologicamente por seus parceiros ou pelos próprios familiares.

Tendo em vista a luta feminina no decorrer da história, através dessa presente pesquisa busca-se compreender qual é o contexto vivenciado pelas mulheres campesinas de Boa Ventura de São Roque, que fazem parte direta ou indiretamente do programa ProJovem Campo, como educandas, mães ou avós de educandos.

O presente trabalho relata o resultado das entrevistas realizadas com as

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia. Projeto para conclusão do curso de Pós Graduação, “Educação no Campo e Saberes da Terra”, ofertado pela UFPR.

<sup>2</sup> Silvana Cassia Hoeller- Orientadora da Especialização em Educação do Campo – Docente UFPR – Setor Litoral.

mulheres dessa comunidade elencando a trajetória das mesmas, as quais buscaram através da educação, participando de programas como o ProJovem Campo Saberes da Terra, a fim de melhorar suas condições de vida, e que apesar de não terem oportunidade de estudo enquanto crianças, acreditam na educação como fator de mudança.

## **1. A mulher na história**

Para entender o papel da mulher campesina, perante a sociedade em que está inserida, assim como também qual é a contribuição do ensino escolar, principalmente da educação do campo para as pessoas do meio rural, faz-se necessário retomar na história as raízes de tais conceitos.

De acordo com Carreira (2001), o antigo Egito marcado pela simbologia e crenças místicas, a primeira representação da mulher surge na figura da Deusa mãe. De acordo com ele era uma sociedade marcada pela igualdade de valor entre os sexos.

Hoje em nossa sociedade observa-se que as mulheres continuam buscando essa igualdade, mas ainda acontece muita discriminação, muitas delas principalmente as com uma idade mais avançada foram privadas inclusive do direito de frequentar a escola e a educação do Campo vem pensar nessas pessoas marginalizadas historicamente.

Ramos (2001), afirma que nas narrações bíblicas há dois modelos simbólicos na antropologia do feminino. Na primeira narração, trás que o homem e a mulher foram criados simultaneamente e equiparadamente como um unívoco ser humano de um só nome, *adam*, em contrapartida, segundo ele, na segunda narração, a mulher é colocada como obsessivamente procurada entre todos os seres do mundo, mas é miraculosamente concebida a partir de um pedaço de próprio homem.

Ou seja, a concepção de homem de mulher e de educação transforma-se na medida em que o tempo vai passando, as sociedades vão vivenciando transformações e as relações vão sendo modificadas.

Ainda hoje nas comunidades rurais mais distantes, há mulheres que permanecem não conhecendo seus direitos, estando presas a uma realidade sem perspectivas de melhorar a sua condição.

Daí a importância da educação voltada para essas pessoas, no caso da

população campestre, tanto mulheres quanto homens, podem encontrar na educação do campo um instrumento de luta, de resistência e através do conhecimento adquirido encontrar uma forma de ir em busca de seus direitos.

Nuno Simões Rodrigues, (2001), falando sobre a mulher na Grécia Antiga, destaca que no mundo homérico, acredita-se que ela tinha um micro cosmo bem definido era considerada a senhora do *oikos*, esposa e rainha, afirmando que esse tipo de mulher homérica mandava nas servas e partilhava com o esposo o cuidado de zelar pela salvaguarda dos bens de casa.

Assim como a sociedade vai se transformando, a mentalidade das pessoas e as organizações sociais também vão sendo modificadas, nesse sentido, na Idade média havia uma outra concepção sobre a mulher pelo dom de gerar a vida.

Nesse período da história, de acordo com Balcão (2001), a mulher era vista como um ser importante por carregar o privilégio de gerar os filhos, no entanto segundo ele, assim como em outros momentos era discriminada e não tinha o poder de decisão. Portanto, mesmo sendo reconhecidas e protegidas, não tinham autonomia sobre suas próprias vidas estando submetida ao pai e ao marido.

## **2. A mulher no cenário brasileiro**

Para melhor situar o papel da mulher no contexto brasileiro do século XXI, é necessário entender o histórico da formação dessa sociedade assim como também as raízes dos costumes e culturas presentes nesse cenário.

Na história do Brasil, antes mesmo da colonização, segundo as colocações de Muraro, (2003), nas organizações tribais que aqui haviam, a mulher tinha um papel importante nas famílias, pois na maioria das tribos os homens eram responsáveis pela caça e as mulheres pela coleta de alimentos próximo as suas casas e também pela educação dos filhos. Nesse contexto, segundo ele, cada tribo tinha sua cultura e seus costumes. Na maioria delas, a mulher era tratada bem, no entanto, sem o poder de intervir nas decisões dos homens, do chefe da tribo que geralmente era um cacique do sexo masculino.

Nas organizações tribais, o ensino era voltado para as questões cotidianas, passados de pai para filho tendo foco principal as necessidades imediatas, ou seja, aprendiam aquilo que era útil para aquele contexto.

Ainda embasado no texto de Muraro, (2003), com a chegada dos

portugueses, um novo modelo de organização social foi instaurado no Brasil, a mulher europeia tinha alguns privilégios, ou melhor, as mulheres ricas que aqui se instauraram, pois não tinham que trabalhar, eram cercadas por escravas, as quais realizavam todas as atividades, no entanto, geralmente todas as decisões eram tomadas pelos homens, portanto, as mulheres não tinham lugar ativo sendo submetidas as ordens e decisões dos maridos, pais ou irmãos. Vale ressaltar que as contradições estavam muito presentes, pois o Brasil viveu por muito tempo um regime escravocrata, no qual as mulheres negras eram escravizadas tendo que trabalhar igualmente aos homens em trabalhos que vão desde as lavouras até servindo seus donos ou realizando trabalhos domésticos nas casas de seus senhores, portanto, não eram ouvidas, não tinham direito de frequentar a escola e tão pouco eram valorizadas.

Como resultado de muitas lutas e organizações foram surgindo leis que asseguravam o direito das mulheres, as quais serão citadas logo a seguir.

### **3. As conquistas das mulheres asseguradas pela legislação**

No Caderno Pedagógico do programa Gênero e Geração de Cooperativismo solidário. Relações sociais e Culturais de Francisco Beltrão (2007), encontramos uma linha do tempo referente as principais conquistas obtidas pelas mulheres no Brasil desde o século XIX. De acordo com essa fonte as principais conquistas ocorreram nas seguintes datas.

Em 1827, é aprovada a primeira legislação relativa a educação das mulheres que admitia meninas nas escolas elementares.

1932 - O Código eleitoral provisório assegurou as mulheres solteiras ou casadas o direito ao voto, com autorização expressa do marido.

Em 1934 a Constituição Brasileira assegurou o direito ao voto feminino, princípio da igualdade entre os sexos regulamentação do trabalho feminino, equiparação salarial entre homens e mulheres.

1951 - Aprovada a Convenção de Igualdade entre o trabalho masculino e feminino para a função igual- Convenção Internacional do trabalho.

1975 - É criado o Dia Internacional da Mulher. A data foi adotada pela organização das nações Unidas ONU.

1984 - É Criado o programa de Atenção Integral a Saúde da mulher PAISAM.

1985 - Criada a primeira delegacia Especializada em Atendimento mulher DEAM em São Paulo é também nessa data que é instituído o Conselho Nacional dos direitos da mulher.

2001 - Lei 10224, introduziu no Código penal, em seu artigo 216 o crime de assédio Sexual, com pena de detenção de um a dois anos.

2002 - É Aprovado o novo Código Civil em que as mulheres passam a ter os mesmos direitos do marido no mundo civil.

2006 - Aprovada a Lei Lei 11.340 Maria da Penha, em homenagem a Maria da Penha que foi um importante nome na luta pelos direitos da mulher no Brasil.

Portanto, como foi possível observar as conquistas foram aparecendo gradualmente, e pouco a pouco as leis foram contemplando os direitos das mulheres, no entanto, muitas vezes ainda há muitas delas que sofrem com atitudes machistas por não ter acesso a informações sobre seus direitos e acabam se fechando para o mundo sem perspectiva de uma vida melhor.

Nesse contexto, que vale ressaltar a importância da educação principalmente para as mulheres mais simples, as mulheres camponesas, que moram em locais de difícil acesso nos quais até os meios de comunicação são poucos, a educação poderá contribuir para melhorar a vida dessas pessoas, mostrando a elas suas qualidades, potencialidades e os direitos assegurados pela legislação.

#### **4. As mulheres camponesas**

Como a sociedade tem suas contradições e em meio as contradições surgem os movimentos de resistência. Durante muito tempo a vida das mulheres camponesas foi de muito trabalho sem ter tido a valorização merecida, situação que permaneceu por muito tempo.

A discussão mais aprofundada da identidade camponesa e feminista ocorreu a partir da consolidação do Movimento Nacional, em 2004, por ser um movimento

que se discute o significado da luta perpassado pelo caráter e a construção do feminismo camponês. Em novembro de 2005 é publicada a 2ª edição da Cartilha *“Mulheres camponesas rompendo o silencio e lutando pela não violência”*, a qual trás importantes considerações a serem discutidas nos encontros entre as mulheres sobre a situação da mulher camponesa, a questão da violência instigando as mesmas a lutar pelos seus direitos.

Uma das grandes lutas e reivindicações das mulheres em geral, em especial às mulheres camponesas, está relacionada a busca pelos seus direitos, por respeito e contra a violência, que infelizmente ainda são questões que exigem atenção por existir preconceito e desigualdade entre os sexos. Nesse contexto, a educação pode ser um instrumento que vem a auxiliar na luta, pois a partir do conhecimento é possível ir em busca de direitos, sendo assim a educação do campo, trabalhando a partir da realidade dos educandos de forma a mostrar a eles as possibilidades de ampliar seus conhecimentos e aplicá-los no seu cotidiano pode melhorar a vida e a visão de mundo dessas pessoas.

### **5. A Mulher camponesa de Boa Ventura de São Roque**

Considerando que no município de Boa Ventura de São Roque há um grande número de mulheres que vivem no campo, trabalhando com suas famílias na agricultura, atuando em projetos de alternativas de renda oferecidos pelo município e tendo um papel significativo no meio em que vivem.

Considera-se importante conhecer melhor essa realidade para divulgar a questão e até mesmo mostrar aos poderes públicos da região a importância de promover mais projetos e políticas publicas voltadas para mulher do campo, assim como também da importância de programas como ProJovem Campo.

A pesquisa teve como principal foco uma turma do ProJovem Campo Saberes da Terra, situado no Colégio Rural Estadual Natal Pontarolo localizado na comunidade da Cachoeirinha, interior do município, situada a 20 km da sede, que conta com 20 alunos, sendo 13 homens e 07 mulheres, que abandonaram seus estudos muito cedo a fim de ajudar seus pais e esposos no trabalho diário e na agricultura.

O programa ProJovem Campo Saberes da Terra, é voltado para alunos acima

de 18 anos, agricultores que não tiveram oportunidades de estudar na idade correta, contendo em seu currículo atividades voltadas ao campo e a comunidade em que estão inserido, sendo uma forma de Educação de Jovens de Adultos destinado especialmente para os jovens do meio rural que acabaram deixando seus estudos por ter que trabalhar, recebem uma bolsa auxílio para retornar aos estudos e encontrando na escola uma forma de adquirir conhecimentos de modo que possam utiliza-los em seu dia a dia do campo.

Sendo assim, por ser um município essencialmente agrícola pode-se dizer que toda economia vem do campo, então deve ser trabalhada uma educação voltada para essa população, além disso, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), através do censo, dos 6.744 habitantes, 5.700 vivem na zona rural desse total 3.239 são do sexo feminino. Conforme dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em julho de 2010 dos 4.652 eleitores do município 2.247 eram mulheres. As mulheres da zona rural do município tem uma participação ativa tanto nas atividades domésticas como na participação da renda familiar, por trabalharem com a família nas atividades rurais e em programas de renda alternativos.

Em entrevistas com as mulheres do município de Boa Ventura de São Roque, buscou-se entender o que elas pensam, quais são as suas atividades diárias, o que produzem, qual é a sua renda, quais são as suas expectativas para o futuro, seus projetos de vida e sua visão em relação à educação escolar de seus filhos.

Para isso, foram realizadas pesquisas com mulheres, de diferentes idades.

Primeiramente foram selecionados um grupo de mulheres com idade entre 40 e 60 anos, que sempre trabalharam no campo ajudando os pais, casaram-se e continuaram trabalhando com atividades rurais. Foram realizadas entrevistas orais, visitas a residências, participação em encontros principalmente nas igrejas, selecionando relatos para demonstrar a vida e o cotidiano das mesmas.

De acordo com os relatos obtidos, sempre trabalharam na agricultura, ajudando a família preparar a terra através do trabalho braçal, pois de acordo com M.T, 52 anos, ao lembrar como era o trabalho na roça enquanto mais jovem, relatou que naquela época “não havia máquinas, para preparar o solo, então o trabalho era feito manual, os vizinhos se ajudavam nas plantações e colheitas em forma de mutirões, coisa que não existe mais nos dias atuais”. ( M.T, 52 anos) 0



Questionamos as mulheres sobre a renda familiar, e ficou evidente que a maioria produz para a sua própria subsistência, e portanto, a renda é bem pequena. Nesse grupo, algumas já contam com a aposentadoria de um salário mínimo por mês, pois de acordo com a lei, as mulheres que trabalham no meio rural tem aposentadoria após os 55 anos, auxiliando dessa forma nas despesas da família.

Das 10 (dez) mulheres pesquisadas 04 (quatro) delas já são aposentadas, e valorizam muito o dinheiro que recebem através da previdência social, pois nos relatos obtidos elas demonstraram ter tido uma vida muito difícil inúmeras dificuldades financeiras e privações. As que ainda não são aposentadas dentro desse grupo demonstraram um grande entusiasmo ao falar sobre o assunto, mostrando-se ansiosas para chegar esse dia, pois com um salário mínimo mensal que é o que recebe um trabalhador rural, suas vidas e de toda suas famílias iria melhorar, pois para elas que praticamente não contam com uma renda ou recebem muito pouco, já que a maior parte da produção familiar é para consumo, não resta muito para comercializar e sendo assim entra pouco dinheiro na propriedade não sendo suficiente para ter conforto.

Portanto a aposentadoria rural significou uma grande conquista para as mulheres camponesas, que de acordo com o Boletim do Movimento das mulheres Camponesas, (2008), foi somente no início da década de 1980, que as camponesas comemoravam o direito à sindicalização e sonhavam com a participação política da mulher na sociedade.

Quando questionadas sobre a educação, as mesmas relataram que receberam uma educação muito rígida e severa, sendo obrigadas a abandonar a escola para trabalhar na roça. Das 10 entrevistadas nenhuma delas concluiu o ensino médio. Para L.E 56 anos :

“Hoje está muito mais fácil, mas quando eu era criança, as meninas não podiam sair sozinhas, ir em baile, a escola era longe e tinha que ajudar a mãe a cuidar da casa e ainda ir para a roça, os pais não incentivavam a estudar , o importante era trabalhar.”

No que se refere a educação escolar, a grande maioria não teve acesso a escolarização enquanto criança, e diante disso, o Programa ProJovem Campo Saberes da Terra, pode ser citado como um exemplo de educação voltado para a

população do campo, que pode fazer a diferença na vida dessas mulheres, consiste-se em uma oportunidade de estar interagindo, e assim trazendo uma proposta concreta e coerente para o meio rural, a educação passa a fazer parte do cotidiano de toda família, por ser um projeto em que os professores e alunos trabalham a partir de sua cultura, partindo dela para os conhecimentos mais aprofundados, o que torna as aulas significativas.

“Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 29).

Nesse grupo de mulheres, demonstraram acreditar na escola como forma de melhorar a vida das pessoas. Teve uma das senhoras entrevistadas que relatou uma questão muito interessante:

“Tive quatro filhos, todos estudaram e hoje estão todas trabalhando na cidade duas são professoras, uma é auxiliar de enfermagem e um filho trabalha na prefeitura, graças a escola hoje elas tem uma vida melhor, não precisam trabalhar tanto no pesado” M.B 57 anos.

Esse relato chamou atenção para uma questão que merece ser pensada com carinho, que a escola não está conseguindo mostrar aos alunos que no meio rural também é possível melhorar a qualidade de vida, e os jovens estão vendo na escola um meio para ampliar os conhecimentos, mas não estão encontrando aplicabilidade e formas para se sobressair no meio rural, e então acabam migrando para a cidade em busca de emprego.

Vale ressaltar, que a proposta de educação defendida nos Cadernos Temáticos da Educação do Campo, propõe a recuperação da Cultura do Campo através do trabalho a partir da realidade local:

“A Educação do Campo nasceu colada ao trabalho e à cultura do campo. E não pode perder isso em seu projeto pedagógico. O trabalho forma e produz o ser humano: a Educação do Campo precisa recuperar uma tradição pedagógica de valorização do trabalho como princípio educativo, do vínculo entre educação e processos produtivos, e de discussão sobre as diferentes dimensões e métodos de formação do trabalhador, de educação profissional, cotejando esse acúmulo de teorias e de práticas com a experiência específica de trabalho e de educação dos camponeses” p.27.

A seguir, outro grupo foi selecionado dessa vez com idade de 25 a 40 anos,

também mulheres camponesas, que além de trabalhar na agricultura em suas pequenas propriedades, cuidam de suas casas, umas possuem filhos pequenos, e trabalham com vacas leiteiras, ou então confeccionam tapetes e vendem para a cooperativa existente no município, cultivam verduras para fornecer para a compra direta nas escolas e creche do município, contribuindo com uma renda mensal nas despesas de sua família. Mulheres estas que ainda encontram tempo para se dedicar aos estudos do EJA – Educação de Jovens e Adultos ou do APED - Ação Pedagógica Descentralizada, do Programa ProJovem Campo Saberes da Terra, tendo como objetivo buscar na escola conhecimento teóricos e práticos para aplicar em seu dia a dia e ter uma vida melhor, um emprego ou até mesmo para auxiliar os filhos nas atividades escolares. Ou seja, em busca de uma educação libertadora, como a defendida por Muraro (2003):

“Uma educação libertadora acelera o exercício da democracia política e econômica...Ela começa na família, continua na escola, passa pela profissão, pelo partido político, pelo sindicato, pela igreja e continua pelas gerações futuras. Nação termina nunca é ela que faz a espécie evoluir' MURARO. p. 82 e 83

Portanto, como destaca Muraro, (2003), cabe a escola ter consciência que é sua responsabilidade, ajudar as crianças, jovens e adultos a construir um mundo melhor. Pois esse mundo melhor e mais digno pode ter início a partir de uma nova concepção das próprias pessoas, especialmente das mulheres que em suas atividades simples tem uma função primordial na família e na vida dos filhos, questões essas que devem ser valorizadas, respeitadas e aprimoradas pelo conhecimento escolar como foi possível constatar a partir das entrevistas.

Em relação às atividades exercidas pelas mulheres entrevistadas, analisou-se que são diversas, pois as mesmas são mães, esposas, donas de casa, e que além dessas atividades que exercem, ainda ajudam seus esposos nas atividades rurais a fim de aumentar e garantir algum tipo de renda familiar, nas plantações de feijão, milho, arroz, cuidado com vacas leiteiras, que produzem para o consumo familiar, e o restante do leite vendem para o laticínio em Boa Ventura de São Roque, cujo dinheiro é revertido para a compra de alimentos, produtos de higiene, limpeza, roupas, calçados principalmente para seus filhos. Há mulheres que se dedicam ao

cultivo de verduras como cenoura, alface, cheiro verde, batata salsa etc, vendem seus produtos para a compra direta, programa desenvolvido pela prefeitura municipal em parceria com a secretaria de agricultura do município, a fim de valorizar o trabalho agrícola e enriquecer a merenda escolar dos alunos nas escolas e garantir renda para as famílias do meio rural.

Além disso, as mulheres camponesas dedicam parte de seu tempo para atividades artesanais como: fabricações de tapetes participam de um programa da Prefeitura Municipal de Boa Ventura de São Roque, a qual fornece o material e as mulheres contribuem com a mão de obra. Após o término da produção a prefeitura recebe os produtos e encarrega-se de comercializá-los.

No entanto, percebe-se que esse trabalho, apesar de ser um incentivo para que possam ter uma renda a mais, o que recebem é uma quantia quase ilusória frente a todo trabalho que tem para tecer seus tapetes, mas que para elas faz uma grande diferença, pois mesmo sendo pouco é uma forma que elas tem de ter um dinheiro extra.

Com relação à educação as mulheres entrevistadas, acreditam que é através dela, que a pessoa se inova, adquire conhecimentos novos para melhorar suas vidas e de seus filhos, procurando oferecer a eles um futuro melhor, sem privá-los das oportunidades, principalmente dos estudos, visto que hoje a escola está bem mais acessível por ter assegurado por lei o acesso ao ensino com transporte escolar para os lugares distantes. Além disso, salientaram que uma das questões que influenciou no retorno das atividades escolares é o Programa ProJovem Campo Saberes da Terra o qual oferece aos alunos uma bolsa auxílio no valor de 1.200 reais, sendo esse valor parcelado mensalmente. De acordo com a aluna M.A.A 28 Anos.

“A Bolsa que iremos receber para estudar é muito importante, porque com ela vai dar para comprar roupas, calçados, materiais escolar para nós vir para a escola e também para as crianças que sempre estão precisando e ainda aprendemos coisas muito boas que ajudam a entender melhor as coisas” M.A.A 36 ANOS.

Pode-se observar na fala da educanda, que o Programa ProJovem Campo, além de incentivar a continuidade dos estudos dos mesmos promovendo palestras com temas atuais, fundamental para os agricultores, em suas atividades diárias, aborda temas inovadores, realiza projetos junto a Prefeitura e a Secretaria de Agricultura destinados aos pequenos produtores como: plantas Medicinais que

encontra-se em fase experimental no município e possui em sua grade curricular como disciplina específica campo.

“O adulto não retorna à escola com a intenção de recuperar um tempo perdido ou para aprender algo que não aprendeu quando criança. O que ele busca é um aprendizado para as suas necessidades atuais”. (Freire 1996, p.29)

Em entrevista percebe-se que as mulheres tem um papel relevante no meio rural assim como também na educação e na vida escolar de seus filhos. Mulheres que após todo o trabalho do dia a dia, deixam suas casas, filhos, marido para vir até a escola e estudar, pois acreditam que a educação é capaz de transformar o meio em que vivem, demonstram que mais uma vez as mulheres através de seu trabalho, dedicação, esforço, buscam na sociedade o direito de atuar, de ter seu espaço e acima de tudo o respeito e a busca de seus direitos enquanto cidadãs.

Cinelli e Conte, (2010), destacam que a atitude tomada pelas mulheres camponesas, de lutar por seus direitos a questionar a realidade e a desigualdade de direitos em que viviam representou uma novidade para a sociedade, e na medida em que elas começaram a ocupar outros espaços além de suas casas, os homens tiveram que criar novas práticas de sociabilidade e do mesmo modo, elas tiveram também que estabelecer novas posturas consigo mesmas e com os homens.

Uma educação que trate as pessoas com igualdade entre os sexos, que venha a atender as expectativas e que traga conhecimentos significativos, para os educandos certamente poderá representar um grande marco na vida das pessoas, sendo assim, o Programa ProJovem Campo, pode transformar a vida das pessoas e de toda a comunidade em que está inserido.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer desse trabalho, ao destacar o município de Boa Ventura de São Roque como o local de pesquisa, foi possível retratar as dificuldades das mulheres que participam do ProJovem Campo do Colégio Rural Estadual Natal Pontarolo, da comunidade da Cochoerinha, assim como também das demais localidades que

fazem parte do referido Colégio. Observou-se que a maioria das entrevistadas acreditam na educação como fator determinante para transformação, buscando através de programas como ProJovem Campo conhecimentos para melhorar a vida e as condições de trabalho em sua propriedade.

Constatou-se que apesar das várias mudanças e conquistas femininas voltadas às mulheres agricultoras, como o direito ao salário maternidade, aposentadoria, o direito de escolher seus representantes através do voto, mais acesso à educação com programas destinados à educação de jovens e adultos, melhorando assim a vida das pessoas ainda é preciso que as políticas públicas possam estar voltadas para a questão do meio rural, principalmente relacionada a mulher camponesa, a fim de valorizar essa força significativa no meio agrícola e assim promover mais programas destinados a essas pessoas voltados a educação, trabalho, serviços de saúde entre outros.

Nas entrevistas das agricultoras a foi possível perceber que suas expectativas variam de acordo com a idade em que estão vivendo. Mulheres entre os 40 e 50 anos acreditam na educação como um meio de oportunizar acesso ao conhecimento para que elas possam fazer o acompanhamento de uma leitura na igreja, auxílio nas atividades escolares dos filhos ou netos, interpretação de uma bula de remédio, ou seja, que a educação propicie conhecimentos a serem utilizados em seus afazeres diários.

Já as mulheres de 25 a 40 anos de idade acreditam que a educação seja um fator de mudança para suas vidas, a fim de oportunizar condições para retirar uma habilitação, enriquecer conhecimentos para investir e inovar em suas propriedades como a melhoria do leite ou da plantação, as quais desejam continuar seus estudos em um âmbito mais avançado, utilizando de tecnologias para melhorar a vida no campo.

De todas as entrevistas realizadas, nenhuma agricultora demonstrou anseio em sair do meio em que estão, apenas gostariam que na sociedade em que vivem houvesse mais emprego e condições para que seus filhos não tivessem que ir para outras cidades e estados a procura de melhores condições de vida, anseiam por políticas voltadas em prol do campo com melhores preços na venda seus produtos, menos impostos na compra de insumos, defensivos agrícolas necessários para o boa produção.

Nesse sentido, a educação para elas, é um meio de conhecimento, seja para melhoria de vida ou para analisar a forma como está sendo pensada a agricultura para os pequenos proprietários de terra, desenvolvendo a criticidade oportunizando reflexões e manifestações para melhorias de suas vidas, questionando e cobrando soluções de seus representantes políticos.

## 7. REFERÊNCIAS

BALCÃO, Antônio M. Vicente, **A mulher na Idade Medieval**. In: SANTOS, Maria Clara dos (org). Colóquios sobre a temática da mulher 1999/200. Câmara Municipal de Moita, 2001.

CARRERA. José Nunes **A mulher no antigo Egito**. In: SANTOS, Maria Clara dos (org). Colóquios sobre a temática da mulher 1999/200. Câmara Municipal de Moita, 2001

CARVALHO, Horácio Martins de. **O campesinato no século XXI**. Perspectivas e contrariedades do campesinato brasileiro. Petrópolis: Vozes, 2005.

CINELLI Catiane e CONTE Isaura Isabel. **Mulheres Camponesas Construindo sua Identidade Feminista**. Santa Catarina, agosto 2010.

CONTE, Isaura Isabel; MARTINS, Mariane Denise; DARON, Vanderléia Pulga. **Movimento de Mulheres Camponesas: na luta a constituição de uma identidade feminista, popular e camponesa**. In: PALUDO, Conceição (org.) Mulheres, luta e resistência: em defesa da vida. São Leopoldo: Cebi, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia; Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 13ª Edição.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERRA, Amilcar, **“A mulher em Roma, algumas considerações em torno da posição social e estatuto jurídico**. In: SANTOS, Maria Clara dos (org). Colóquios sobre a temática da mulher 1999/200. Câmara Municipal de Moita, 2001.

MURARO, Rose Marie. **Um Mundo em Gestação**. São Paulo. Editora Versus, 2003.

PALUDO, Conceição (org.) **Mulheres, luta e resistência: em defesa da vida.** São Leopoldo: Cebi, 2009.

RAMOS, José Augusto M. **A mulher na Bíblia** In: SANTOS, Maria Clara dos (org). Colóquios sobre a temática da mulher 1999/200. Câmara Municipal de Moita, 2001

RODRIGUES, Nuno Simões. **A mulher na Grécia Antiga.** In: SANTOS, Maria Clara dos (org). Colóquios sobre a temática da mulher 1999/200. Câmara Municipal de Moita, 2001.

SANTOS, Maria Clara dos (org). **Colóquios sobre a temática da mulher,** 1999/200. Câmara Municipal de Moita, 2001.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos Temáticos: educação do campo.** Superintendência da Educação. Departamento do Ensino Fundamental. Curitiba: SEED – PR, 2005.

Caderno Pedagógico do programa Gênero e Geração de Cooperativismo solidário. Relações sociais e Culturais. Francisco Beltrão, 2007.

Revista camponesa. Dezembro de 2005. Ano I Revista I. MMC/SC.

Revista camponesa. Dezembro de 2005. Ano II Revista II. MMC/SC

Cartilha, “**Mulheres camponesas rompendo o silêncio e lutando pela não violência**”. 2ª edição. Novembro de 2005.

**CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1998.** Disponível em: [www.presidencia.gov.br/estruturapresidencial/sepm](http://www.presidencia.gov.br/estruturapresidencial/sepm). Acesso em 15 de maio de 2011.

---